

IP



Instituto
de Psicanálise
da Bahia

LAPSUS

PUBLICAÇÃO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA
2011



BA

Editorial

Chegamos ao quarto exemplar de Lapsus e achamos salutar falar sobre o significante que dá nome a este boletim. No início do projeto estávamos divididos entre ele e alguns outros quando finalmente LAPSUS pareceu a todos o nome daquilo que queríamos como produto final; o que queríamos apreender do real, cifra de gozo. Neste período em que estivemos dedicados à escrita, revisão, edição e formatação de textos que publicamos tivemos o privilégio de lidar com tudo que claudica, coletivamente, o que vem nos permitindo construir um saber num “só depois” daquilo que tínhamos como aposta no início. Deste modo, nada mais justo que dedicar este momento ao lapso ressaltando a importância que teve no percurso do pensamento freudiano considerando o fato de que nunca deixou de ser atual para aqueles que acreditam no saber inconsciente.

Falemos então sobre os usos do lapso para a psicanálise. Freud inicialmente os agrupou ao lado dos esquecimentos e equívocos naquilo que conhecemos como ato falho. Uma curiosidade: de acordo com James Strachey, além da Interpretação dos Sonhos e os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana foi o texto no qual Freud fez acréscimos durante toda sua vida. No entanto, ao contrário das duas primeiras, os adendos posteriores consistiram apenas em mais exemplos e ilustrações extras destinadas a convencer o leitor da relevância do ato falho como expressão do inconsciente. Não houve, como nas duas outras obras, ampliações importantes ou correções de dados clínicos e conclusões teóricas. Tudo já estava ali desde o ano de sua publicação em 1901: o ato falho não acontecia ao acaso, mas sim, estavam sobredeterminados e tinham uma motivação inconsciente.

No último capítulo do seu texto, Freud faz uma belíssima argumentação sobre a existência de uma motivação inconsciente do ato falho como uma formação do

compromisso. Segundo ele, existem dois tipos de conhecimento em que é possível demonstrar fenômenos que parecem corresponder à produção de um conhecimento inconsciente: o comportamento dos paranóicos e o comportamento dos supersticiosos.

O paranóico confere extrema importância aos pequenos detalhes do comportamento de outras pessoas e fazem deles a base para suas conclusões. Neste movimento, projetam para fora aquilo que lhes é imposto à consciência como sentido, o que necessariamente torna este conhecimento inválido. Tudo pode fazer sentido. Já o supersticioso nada sabe sobre a motivação de seus atos e tende a atribuir ao acaso um sentido externo que se manifestará em acontecimentos reais, além de ver nele um meio de expressão de algo que se oculta da pessoa no mundo externo. Nas palavras de Freud, são duas as diferenças entre ele e o supersticioso. Primeiro, a superstição projeta para fora uma motivação que Freud procura no inconsciente, e segundo, o supersticioso interpreta através de um acontecimento o acaso cuja origem ele atribui a um pensamento.

O oculto para os supersticiosos corresponde ao que para Freud é inconsciente e o que é comum aos dois é a compulsão a não encarar o acaso como acaso, mas a interpretá-lo. Neste sentido, pode-se pensar que tanto a construção do pensamento paranóico quanto a do supersticioso são mostrações da vida inconsciente por serem espécies de correlatos visíveis do funcionamento inconsciente. Na clínica borromeana, falhas na amarração entre os registros real, simbólico e imaginário são o que Lacan chamou de lapsos do nó. A posição paranóica, por exemplo, está ilustrada topologicamente pela continuidade dos registros e pela impossibilidade de um quarto nó ou consistência, o que Freud chamava realidade psíquica. Por isso, tudo pode fazer sentido sem que nada possa barrar um gozo invasor manifestado em sentido.

Para frear o sentido, é preciso um significante primeiro que, quando aceito, ordena o restante. É o caso, por exemplo, do saber supersticioso. Ainda que supersticioso, obedece a uma ordem que costumamos chamar de significação fálica, o que não o livra de lapsos já que um dos registros ou o quarto laço pode estar inconsistente. O que é a norma. Por fim, quando um espaço de um lapso já não tem nenhum impacto de sentido ou interpretação, estamos segundo Lacan, no inconsciente real. O que se sabe, consigo. Não há verdade que, continua Lacan, ao passar pela atenção, não minta. Falando dos eventuais abusos ou superstições cometidas pelos discípulos de Freud, Lacan traduz a idéia que Freud fazia da psicanálise: uma peste, mas

sem importância (anódina); ali onde ele supunha levá-la, o público se vira. Advertidos o suficiente, pensamos, avancemos naquilo que entendemos o lapso uma parte essencial na estrutura do saber, inconsciente sempre.

Nesta quarta edição, Lapsus, inicia uma investigação sobre os Institutos de Psicanálise, trazendo uma entrevista com Elisa Alvarenga sobre o tema. Maria Luiza Sarno Castro, a partir do seu estudo no cartel sobre os fenômenos psicossomáticos, traz as suas reflexões a cerca da psoríase. Despedindo-se do seu trabalho junto à diretoria do CPCT, Eva Pereira apresenta um breve resumo das realizações desta gestão, e também seu depoimento sobre a importância desta experiência. Não deixem de conferir a nossa Janela Informativa, com destaque para as atividades promovidas pelo IPB, com a vinda de Cristina Vidigal à Salvador, além das outras importantes atividades desenvolvidas pelo IPB e EBP-BA. A Janela Cultural apresenta os comentários de Bernardino Horne sobre o filme “O Discurso do Rei”, e para encerrar esta edição, na contramão da dita “hipermodernidade”, o poema *O apanhador de desperdícios* de Manoel de Barros.

Anderson Viana

Sumário

EDITORIAL	1
Anderson Viana	
ENTREVISTA	
Entrevista com Elisa Alvarenga – Parte I	5
Ethell Poll e Christianni Matos	
TEXTOS	
Reflexões sobre a psoríase na clínica psicanalítica	8
Maria Luiza Sarno Castro	
Relatório do CPCT – Gestão de 2009-2011	9
Eva Pereira	
JANELAS DO LAPSUS	
Janela Informativa	11
Ethel Poll	
Janela Cultural	13
Bernardino Horne	
POESIA	
O apanhador de desperdícios	15
Manoel de Barros	

Entrevista com Elisa Alvarenga

Ethell Poll e Christianni Matos

Elisa Alvarenga: A.M.E/A.E. (novembro de 2000) Médica Psiquiatra, Mestrado em Filosofia/UFMG, Doutorado em Psicanálise/Universidade de Paris VIII

Resumo: Esta entrevista tem como objetivo abordar o surgimento do Instituto de Psicanálise, seus fundamentos, sua relação com a Escola, bem como sua participação na formação do analista.

Palavras chave: Instituto de Psicanálise, Escola, saber suposto, saber exposto Psicanálise em intenção e extensão, formação do analista.

O que é o Instituto de Psicanálise?

Para responder a esta pergunta, faço uma pequena retrospectiva, na qual tentarei localizar o surgimento do Instituto. Jacques Lacan era um dos psicanalistas didatas da IPA (Associação Psicanalítica Internacional), da qual foi excluído em 1963, em virtude de suas práticas inovadoras e não conforme as regras e standards desta Instituição, criada por Sigmund Freud no início do século XX. Já em 1953, Lacan e outros colegas haviam fundado a Sociedade Francesa de Psicanálise, separando-se da Sociedade Psicanalítica de Paris. Ambas faziam parte da IPA, e havia, nesta época, a Sociedade Analítica e o

Instituto de Formação. De um lado, a associação dos membros e do outro, a instância dos didatas. Para tornar-se analista era preciso analisar-se com um didata tantos anos, supervisionar-se tantas horas, e seguir um determinado programa de estudos, até ser autorizado pelos didatas. Jacques-Alain Miller nos conta que a causa imediata da cisão de 1953 foi a criação do Instituto de Psicanálise que devia assegurar a formação dos analistas. No volume por ele publicado sobre a Cisão de 53 figura o plano de um Instituto de Psicanálise concebido por Lacan naquele ano. Quero, portanto, assinalar que o interesse de Lacan pela prática, pela formação e pela relação com a

Instituição analítica sempre fez ruído na história da psicanálise.

Lacan funda, em 21 de junho de 1964, a Escola Freudiana de Paris, na qual concebeu, no Ato de Fundação, três Seções: 1. A Seção de Psicanálise pura, que se encarregaria da doutrina da psicanálise pura e de sua práxis como formação, bem como da supervisão; 2. A Seção de Psicanálise aplicada, que se encarregaria da articulação da psicanálise com projetos de tratamentos, tais como os da área médica e psiquiátrica; 3. A Seção de Recenseamento do Campo Freudiano, na qual estariam compreendidas três subseções: comentário do movimento psicanalítico, articulação com as ciências afins e ética da psicanálise. Lacan introduziu o cartel como órgão de base de sua Escola e falou em “trabalhadores decididos” e “transferência de trabalho”.

Em 1969, por outro lado, foi criada a Universidade de Paris VIII – Vincennes - Saint Dennis, herdeira do Centro experimental de Vincennes e da efervescência intelectual e pedagógica que seguiu maio de 68. Animada por um espírito de democratização do acesso ao saber e de produção de conhecimento ancorada nos desafios do mundo contemporâneo, ela tinha

professores e pesquisadores renomados internacionalmente, tais como Michel Foucault, Gilles Deleuze, o próprio Lacan etc. Lacan fundou então o Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII, que funciona, desde 1980, em Saint Dennis. Ele renovou o Departamento em 1975 e criou, em 1976, um DEA (Diplôme d'Études Approfondies) e um Doutorado. Em 1977, abriu-se a Seção Clínica, tendo por objetivo um ensino sustentado na clínica, com estudos de casos, apresentação de pacientes e seminários teóricos. E finalmente, em 1987, Jacques-Alain Miller fundou o Instituto do Campo Freudiano, para desenvolver a tarefa de ensino e investigação, levando-a a outros países. É aqui que entram, portanto, os Institutos do Campo Freudiano do Brasil, tais como o Instituto de Psicanálise da Bahia e o Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.

O Instituto pode ser definido então como uma Instituição parauniversitária, nas palavras do próprio Miller, onde o saber está no posto de comando. Ele não é uma associação e não tem membros, mas tem um corpo docente e um programa de ensino, além da Seção Clínica com seus Núcleos de Pesquisa,

que podem se articular em rede no mundo: um exemplo disso são os grupos de investigação nos vários países e mesmo nos Institutos de cada país sobre “Toxicomania e alcoolismo”, “Psicanálise com crianças”, “Anorexia e Bulimia”, “Violência” etc. É por isso, creio, que Miller diz que, ao contrário da Escola que assume contornos particulares a cada lugar, o Instituto tenderia a ser o mesmo em todos os lugares, tal como o matema.

De quem foi a idéia de criar o Instituto? Porque foi criado e porque continuar a sustentá-lo, ou seja, qual seu fundamento?

O Instituto foi criado por Jacques-Alain Miller, pela mesma necessidade que levou Lacan a renovar o Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII, ou seja, para servir de agulhão para sua Escola, estimulá-la, incentivá-la, a fim de prosseguir, na França e alhures, na via inaugurada por Lacan. E que necessidade é essa? É que o discurso analítico tende, como o diz Miller, invencivelmente, a se autodestruir. O saber suposto, alimento e sustentáculo da experiência analítica,

também corrói a psicanálise, se não puder ser transmitido. Por isso é necessário criar um lugar, o Instituto, em que o saber exposto venha barrar o saber suposto, tirando o analista do seu silêncio e levando-o a trabalhar com os colegas. A transferência de trabalho, inicialmente mencionada por Lacan no Ato de Fundação de sua Escola, encontra aqui, novamente, o seu lugar. Nos Institutos do Campo Freudiano, o trabalho clínico e teórico concerne a psicanálise aplicada, endereçando-se aos praticantes que desejam orientar sua prática, caso a caso, e prestar contas disso. O Instituto parece, portanto, abranger, como observa Francisco Paes Barreto, as duas Seções inicialmente previstas por Lacan no Ato de Fundação de sua Escola, a Seção de Psicanálise Aplicada e a Seção de Recenseamento do Campo Freudiano, onde a psicanálise encontra suas conexões. As Seções Clínicas asseguram o ensino, a pesquisa e a orientação dos alunos a partir de suas práticas.

Na próxima edição, a segunda parte da entrevista com Elisa Alvarenga.

Aguardem!!

Reflexões sobre a psoríase na clínica Psicanalítica

Maria Luiza Sarno Castro

A experiência no Cartel¹ tem possibilitado uma investigação teórico-clínica dos fenômenos psicossomáticos associados à pele, principalmente a psoríase. Os pacientes encaminhados² ao Cartel apresentam lesões marcando a pele e, com isso, convocam o olhar do Outro pela vertente do horror.

Miller afirma que o neurótico realiza a “simbolização do imaginário” (\overrightarrow{IS}), ou seja, faz a progressão do Imaginário ao Simbólico, buscando pela palavra dizer tudo, a fim de apreender A Verdade. Entretanto, o fenômeno psicossomático inverte este esquema fazendo surgir o hieróglifo a partir da “imaginarização do simbólico” (\overrightarrow{SI}). Deste modo, o fenômeno se inscreve no corpo não fazendo chamado a nada. Diferente de um grito que faz apelo ao Outro, surge um escrito que se define como “para não ser lido”.

Esta ausência de apelo ao Outro, característico do FPS, aponta a dificuldade do estabelecimento da demanda e, com isso, a convocação ao Sujeito suposto Saber. Entretanto, a clínica aponta que os FPS que se inscrevem na pele ao convocarem o

olhar do Outro, instigam os pacientes a elaborarem algum saber sobre o que lhe acontece, havendo, então, uma maior disposição ao enlace transferencial.

Assim, como propõem Sagna e Merlet⁴, foi possível apreender de maneira esquemática o FPS a partir de duas vertentes. Uma primeira, como resposta para suprir uma impossibilidade provisória de o sujeito defender-se. Neste caso, o efeito traumático de algum acontecimento ao não ser traduzido na ordem simbólica, implica em um curto circuito que marca o corpo. A segunda vertente refere a um modo corporal de fazer uma barreira ao gozo do Outro na psicose. Neste caso, o FPS se revelaria como suplência, possibilitando a amarração entre os três registros.

A questão do olhar apresentou-se como fundamental nesta clínica. Miller evidencia que no humano existe o privilégio da imagem do corpo próprio, pois ela esconde uma falta essencial. A imagem do corpo próprio pode funcionar como tampão da falta de significante que represente o sujeito no Outro. O autor propõe, então, reler o

estádio do espelho dando ênfase não na posição ativa do sujeito em olhar a própria imagem, mas na passividade que precede a isso. Deste modo, é a partir do Outro que olha que é possível ter acesso ao ver. Sendo assim, surgiu a questão: seria possível pensar que os fenômenos na pele surgiriam justamente como uma tentativa do sujeito de se fazer ver, onde o olhar que não vê atravessa o corpo, deixando sua marca como uma ferida na pele?

¹ Composto por Carla Fernandes, Júlia Jones, Júlia Solano, Luiza Sarno, Rogério Barros e o mais um Bernardino Horne.

² A partir do convênio firmado com o serviço de Dermatologia do Hospital das Clínicas da Universidade Federal da Bahia.

³ Miller, J.A "Extimidad del goce".

⁴ Sagna, C. D. e Merlet, A. "Presentación de casos de dermatología".

Relatório do CPCT - Gestão 2009/2011

Eva Pereira

Este é o momento da segunda permutação do CPCT - momento de ver os efeitos do trabalho de dois anos (2009-2011) desta Diretoria, composta por: Iordan Gurgel - diretor geral, Marcela Antelo - diretora científica e Eva Pereira - secretária geral.

Considerando o CPCT como o reflexo da Psicanálise pura, se concluiu pela exigência, como pré-requisito aos praticantes: estar em análise, fazer supervisão, participar dos Seminários de Formação Permanente e do Curso de Orientação Lacaniana de J.A.Miller.

Atualmente, estamos funcionando com 07 cartéis, com a

participação de 07 membros da Escola (consultores) e 30 cartelizantes (destes 21 são praticantes). Os cartéis se reúnem semanal ou quinzenalmente e uma vez por mês fazemos uma reunião com todos os cartelizantes. Nestas reuniões discutimos temas pertinentes ao funcionamento do CPCT, assim como discutimos casos clínicos apresentados pelo praticante que acompanha o caso. As reuniões clínico-epistêmicas estão acontecendo uma vez por mês, nos dias de sábado, na sede da EBP. O número de participantes presentes tem variado entre 14 a 18 cartelizantes.

Nestes dois anos (2009/11), atendemos aproximadamente 76 pacientes; destes 36 desistiram, 16 tiveram alta, 04 não possuíam o perfil do CPCT e 20 encontram-se em atendimento.

Constatações

A maioria dos cartelizantes é praticante;

A maioria apresentou produções;

Efeito de formação.

Questões

Relativas ao tempo dos atendimentos (ponto discutido frequentemente nas reuniões mensais);

Relativas ao número alto de desistências.

Desafios

Acabar com a fila de espera;

Aumentar o número de participantes nas reuniões mensais.

Depoimento

Para mim estes dois anos tiveram um efeito surpreendente, no que se refere a participar como cartelizante e como secretária geral.

Diante das discussões sobre temas concernentes ao funcionamento do CPCT ou diante das apresentações dos casos clínicos trazidos por colegas nas reuniões mensais, aconteceu um florescimento no desejo de saber sobre esta nova modalidade de prática: a clínica da urgência subjetiva.

Lembrando Serge Cottet que diz: “os sintomas atuais produzidos pelo mal estar na civilização garante que tal urgência só deve ser tratada por disciplinas não relacionadas à psicanálise de longa duração”.

De longa duração foi o “encontro” (se assim posso dizer) entre as pessoas que trabalharam neste biênio. A experiência dos Diretores Iordan e Marcela - com eles ficou claro o quanto o estudo da Psicanálise Lacaniana deixou de ser para mim um tema da ordem do impossível.

Agradeço a organização do nosso estagiário Roberto, contribuindo no ordenamento administrativo, em parceria com Velleda e Hermínia.

Trabalhar pela Escola é garantia da Instituição como lugar de troca entre os pares em prol da formação do analista, sendo assim, o compromisso com a Psicanálise se renova a cada dia, não importando, até, que este dia tenha se iniciado há mais de vinte anos, desde que o desejo se mantenha vivo.

Desejo a nova Diretora Marta Inês Restrepo um bom trabalho, certa, de que o momento de concluir do CPCT está muito distante; fechamos apenas um “ciclo”. Boa sorte, Marta.

Janela Informativa

**Curso de Extensão: “Adolescência e sexualidade nos dias atuais”.
Convidada - Cristina Vidigal –
membro da EBP-MG. Coordenação -
Sonia Vicente**

Cristina Vidigal estará em Salvador nos dias 09 e 10 de setembro para ministrar o curso de extensão que tem como tema adolescência e sexualidade. Este trabalho terá como ponto de partida a temática desenvolvida por Philipp Lacadée no livro “O despertar e o exílio”, em torno do confronto dos adolescentes com o real do gozo, além

Cristina Vidigal no Núcleo de Investigação Psicanálise e Criança.

Como representante da Rede CEREDA no Brasil, Cristina estará visitando o Carrossel no dia 09 de setembro pela manhã (9:30 hs). Nesta atividade, estará discutindo o tema “Angústia e Medo na clínica com crianças”, tema este amplamente trabalhado durante este ano no Carrossel. Neste encontro, Cristina Vidigal irá trazer, o caso de um menino que, sem desenvolver propriamente uma fobia, faz um uso do medo para localizar certos pontos de seu encontro com o Outro e conduz sua

de outros textos, que ainda serão divulgados. Nestes encontros, serão apresentados dois casos clínicos de colegas do IPB para ampla discussão desta temática tão presente na clínica com adolescentes.

Onde: Sede EBP/IPB

Quando: 09 setembro – 18:30 às 21:00

10 setembro – 09:00 às 18:00

Quanto: R\$ 40,00 estudantes do IPB

R\$ 60,00 preço único

análise para uma invenção de como lidar com o campo de gozo que o convoca a um mergulho mortífero. Na psicanálise com crianças, diz Cristina, estamos acostumados a tomar a queixa do medo como um dos móveis mais comuns da infância: o medo quase sempre remete à fobia, sendo um sintoma demanda uma análise. Temos neste caso uma marca “sui generis”: o medo como defesa cria um campo de domínio sobre o gozo invasivo. A criança precisará construir mais recursos em sua análise para continuar enfrentando a convocação deste gozo.

Teoria da Clínica

No dia 01 de setembro, a atividade do IPB, Teoria da Clínica, trouxe para discussão um belíssimo caso atendido por Julia Solano, com comentários precisos de Bernardino Horne. Traremos, na próxima edição de LAPSUS, os principais pontos discutidos nesta reunião clínica.

CPCT - Mudança de direção

A Equipe Lapsus parabeniza o trabalho desenvolvido por Jordan, Marcela, Eva e equipe à frente do CPCT nestes últimos dois anos, e deseja “Boas Vindas” à Marta Inês Restrepo que

Cinema Itinerante

O próximo filme a ser exibido neste projeto da Biblioteca – EBP-IPB será “Sister my Sister”, “Entre Elas” (título no Brasil) conhecidas como o caso das irmãs Papin. Lucy de Castro do Núcleo Psicanálise e Direito, coordenará a atividade e Marcelo Magnelli, do Núcleo de Psicose e

A próxima reunião acontecerá:

Quando: 29 de setembro de 2011

Onde: Sede da EBP /IPB

Hora: 19h30min – Início

Quanto: R\$ 50,00

Entrada franca para alunos dos cursos do IPB e praticantes do CPCT.

assumirá a partir de agora, a direção dos trabalhos, nesta atividade de grande importância para o Instituto e para a Escola. .

Próxima reunião: 24 de setembro

Psicanálise fará os comentários. Este filme traz à cena um crime brutal de grande repercussão na França, instigando um debate à cerca da psicose. Este caso foi discutido por Lacan em um artigo publicado, inicialmente, na revista *Lê Minotaure n 3* em dezembro de 1933, e posteriormente incorporado a sua tese de doutorado na seção intitulada “Os primeiros escritos sobre a paranóia”.

Onde: Sede EBP/ IPB

Hora: 17:30

Quando: 30 de setembro

**XVII Jornada da EBP-BA
XIII Jornada do IPB
O Sinthoma e a Nova Ordem Simbólica**

Convidado- Pierri Skriabine – AME da
ACF – Paris

Lembrando aos interessados em
apresentar trabalhos, que o resumo

Onde: Sede EBP/IPB

Quando: 20 a 22 de Outubro de 2011

deverá ser entregue a Reinaldo
Pamponet (rpamponet@terra.com.br)

até o 11 de setembro.

Quanto: profissionais R\$ 200,00

estudante (graduação)R\$150

Janela Cultural

O Cinema Itinerante apresentou no dia
19 de agosto, na sede da EBP-BA, o
filme o “Discurso do Rei” com os
comentários preciosos de Bernardino
Horne. A partir do texto fornecido pelo
próprio debatedor, Lapsus publica aqui,
os pontos principais desta discussão.

Ler um filme

Bernardino destacou, no início, que
faria uma leitura do filme tomando-o
como uma apresentação clínica. Trata-
se de um paciente instalado no discurso
do capitalismo, cujo objeto de amor, sua
esposa, o leva ao analista. As primeiras
entrevistas definem a orientação da

experiência. Quem faz a demanda, pode
haver alguma exceção às regras?

Num segundo, momento se define se há
ou não alguma causa articulada com o
desencadeamento dessa posição do
sujeito que oscila entre a inibição e a
angústia. Pelo caminho do amor,
chegará à análise, que transcorre,
porém, em forte transferência negativa,
e plena desconfiança, porque se trata de
um paciente especial, embora não
apenas por ser rei, pois toda histérica é
tão especial como um rei.

Bernardino falou sobre o discurso do
capitalismo e as formas que o analista

tem de criar para chegar ao ato que descongele o sujeito do seu gozo, produza sua divisão e o oriente ao saber verdadeiro.

Também fez comentários sobre o desejo do analista a partir de momentos cruciais da experiência de Bertie, assim como sobre o momento em que se vê a passagem do pai gozador fortemente narcisista ao pai sintoma que, ao incluir o amor, facilita a aspiração ao feminino, que J.-A. Miller mencionou em “Ler um

sintoma”, aspiração central nas mudanças produzidas na ordem simbólica do século XXI.

É por meio de uma *père-version*, ou seja, um giro, uma virada, que implicará a passagem do nome do superego: tartamudo (gago), que em momentos cruciais, chega a ficar mudo, para o Nome-do-Pai, e assim poder tomar seu lugar e dizer com sua voz: eu sou o que sou, um Rei.

POESIA

O apanhador de desperdícios.

Manoel de Barros (Memórias Inventadas)

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Convidamos os participantes do IPB a compartilharem com LAPSUS suas idéias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail de LAPSUS: lapsusibp@gmail.com

Submissão de Trabalhos:

- O texto deverá vir com título, nome do autor e devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte, Times New Roman, tamanho 12 e o espaçamento entre linhas 1,5.

*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

EQUIPE LAPSUS

Anderson Viana, Ethel Poll, Julia Solano Rogério Barros e Wilker França

Consultores: Bernardino Horne e Ricardo Cruz

Contato: e-mail: lapsusibp@gmail.com